

Ensino de História nos anos iniciais do Ensino Fundamental: o uso de fotografias para aprendizagem de conceitos históricos e a história regional

*Adriana de Carvalho Medeiros*¹

RESUMO

A partir de revisão bibliográfica e documental, e aplicação de pesquisa de campo objetiva-se refletir sobre a utilização da fotografia para o ensino de história regional (1952 – 1975) nos anos iniciais do ensino fundamental no Município de Loanda, identificando esta fonte como fornecedora de novos olhares e possibilidade de identificação dos personagens sociais na constituição da história local em regiões de história recente.

Palavras-chave: História regional. Fotografia. Ensino fundamental.

ABSTRACT

Based on a bibliographical and documentary review, the application of field research aims to reflect on the use of photography for the teaching of regional history (1952 - 1975) in the initial years of elementary education in the Municipality of Loanda, identifying this source as a supplier of new glances and possibility of identification of the social personages in the constitution of the local history in regions of recent history.

Keywords: Regional history. Photography. Elementary School.

Introdução

O ensino de história no ensino fundamental, ou como sugeriu Celso Antunes (2001, p.14) “para qualquer série ou ciclos”, jamais pode sustentar-se apenas em descrições empíricas do espaço ou de outros tempos, mas ainda, devem referir-se as memórias do espaço ocupado pelo indivíduo. Ao pensar a relevância do ensino e aprendizagem de história nos anos iniciais do ensino fundamental Marc Ferro afirma que:

(...) a imagem que nós fazemos de outros povos e de nós mesmos, está associado à História que nos ensinaram quando éramos crianças. Ela nos marca o resto da vida. Sobre essa representação, que é para cada um de

¹ Doutora em História pela Universidade Federal de Uberlândia, Brasil. Professora do Curso de Licenciatura da UNIOESTE/ campus de Marechal Candido Rondon. E-mail: morenacomunista@outlook.com

nós a descoberta do mundo e do passado das sociedades, enxertam-se depois opiniões, ideias fugazes ou duradouras como um amor (...) mas permanecem indelegáveis as marcas das nossas primeiras curiosidades e emoções (FERRO, 1983, p.11).

Neste sentido, construir possibilidade para compreensão do estudante como sujeito histórico, que o possibilite perceber-se como integrante de um processo em construção, é algo fundamental.

Quanto a isso, os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) e as Diretrizes Curriculares da Educação Básica de História do Estado do Paraná (2008), indicam para o papel fundamental desenvolvido pelo ensino de história. De acordo com estes documentos orientadores da Educação Básica no Estado do Paraná, o ensino de história tem como principal finalidade a formação da identidade coletiva, do sentimento de pertencimento a comunidade regional e a uma cultura, resultando em uma compreensão do que é viver plenamente o *status* de cidadania.

Tendo tais elementos como premissa, o ensino de história regional, tem um importante papel a ser desenvolvido mediante a formação da identidade coletiva, senso de pertencimento local e constituição do sujeito histórico, no caso, o estudante do Ensino Fundamental das séries iniciais.

No ano de 2010, inicie a partir do Projeto de Pesquisa “História e Memória de Loanda” uma pesquisa de campo que buscava compreender como era realizado o ensino de história e geografia regional no 4º e 5º ano do Ensino Fundamental das Escolas Municipais do Município de Loanda. Tinha como objetivo produzir junto com uma pequena equipe material didático de história e geografia regional para séries iniciais do ensino fundamental das escolas municipais de Loanda.

Neste artigo, pretendo apresentar um breve relato do experimento, bem como resultados positivos quanto ao uso da fotografia para a compreensão de conceitos histórico, bem como aproximar a história oficial sobre o local vivido/ habitado com a história pessoal/ familiar do aluno e suas ações cotidianas.

O experimento didático ocorreu no segundo semestre do ano letivo de 2010, e fez parte do projeto já citado e ainda, do experimento didático desenvolvido pela Prof^a Dr^a Alba Matarezi Pinheiro, para a produção de sua tese de doutoramento². Com ele pretendia testar e desenvolver estratégias que fossem mais eficazes tanto para a aprendizagem conceitual (como teorizada por Vigotsky e seus contemporâneos).

1. O experimento didático: organização da pesquisa de campo

O experimento foi realizado em duas Escolas Municipais ligadas ao Núcleo Regional de Educação de Loanda. A seleção destas escolas ocorreu após uma reunião com os professores e levantamento/ análise por amostragem de Projetos Político Pedagógico (PPP) de 12 escolas.

Após visita às escolas e estudo dos PPPs foi possível verificar que o conteúdo relacionado a história e geografia regional ou da cidade, faziam parte do conteúdo programático previsto frequentemente para o 4º ou 5º ano das séries iniciais do ensino fundamental. Tais dados, entram em consonância com as orientações presentes no Currículo Básico para a Educação Pública no Estado do Paraná, que esclarece que:

No caso específico das 3º e 4º série o tratamento metodológico deveria possibilitar o entendimento de cada um dos elementos que compõe a sociedade brasileira, ontem e hoje, em geral e particularizando com os estudos de caso que, na 3º serie integram a história do município e na 4º série a história do Paraná (PARANÁ, p. 86, 1992).

Depois disso, selecionamos duas escolas municipais de Loanda e duas turmas de 4º ano do período matutino, onde realizamos o levantamento e sondagem sobre os métodos, materiais e técnicas utilizadas para ensino de história regional.

² PINHEIRO, A. A. M. Aprendizagem conceitual: o cinema como possibilidade formativa. Universidade Estadual de Maringá/PR: Tese de doutorado, 2016.

Ao realizar visitas e dialogar com os professores, foi possível verificar os principais desafios e problemas em ensinar história regional aos estudantes do 4º ano. Neste sentido, os professores afirmaram que a falta de material didático e científico para pesquisa e organização dos planos de ensino, era principal limitação para se trabalhar conteúdos ligados a história regional. Devido a falta de fontes e materiais didáticos, algumas vezes, a história regional e do município, mesmo constando no PPP, não eram trabalhados ou abordados superficialmente.

Nas duas turmas selecionadas, a professora utilizava um livro didático para ministrar os conteúdos de história e geografia. Ao analisar o livro didático utilizado verificamos o conteúdo iniciava-se com história do Brasil e seus habitantes, passando pelo processo colonização e formação da sociedade colonial. Ao abordar a constituição social e política no Brasil, a história de algumas cidades como Salvador e São Paulo, remetiam ao estudo e pesquisa da história da cidade dos estudantes.

De acordo com as professoras das turmas selecionadas, era neste momento que era inserido a história regional e da cidade, como um apêndice à formação do Brasil e História Universal. Tal fato, confirmava a tendência de valorização da história universal e nacional, em detrimento da história local e regional, característica da história do Ensino de História no Brasil (MEDEIROS, 2013; TOLEDO, 2012; BITTENCOURT, 2008, 1990). Quanto a isso, assinalamos que tendência a valorização da História tripartite francesa de viés “eurocêntrico” acabou por distanciar o ensino de história nas séries iniciais do ensino fundamental da realidade vivida e experimentada pelos estudantes. As consequências de tal fato é um perceptível no estranhamento dos estudantes quanto ao local ocupado e vivido por ele e sua família, bem como a desvalorização do patrimônio histórico/ cultural da região. Ao conhecer a história do local vivido, os estudantes não se identificam com a cidade e assim, não cria relação entre o estudado e vivido.

Ao final deste primeiro momento de reconhecimento da realidade local, concluímos que o ensino dos conteúdos referentes à história regional e local nas escolas do município de Loanda, tem se caracterizado por uma história rígida, pautada em dados estatísticos e narrativos de fatos e datas comemorativas, que tenderam a eleger uma determinada classe social -a elite pioneira proprietária rural- identificada por um discurso conservador como heróis desbravadores do sertão desabitado. Nesta narrativa, outros sujeitos ou eram invisibilizados ou silenciados, como o caso dos trabalhadores que migraram para realizar a derrubada da mata e plantio do café, as mulheres, crianças, caboblos que habitavam a região e povos indígenas.

A falta de materiais didáticos é explicada pelo fato da região ser de colonização recente, e assim, são poucas e em alguns casos inexistente as produções científicas em torno do processo de (re)ocupação da Microrregião do Extremo Noroeste do Paraná. A maioria do material produzido são documentos oficiais produzidos por estâncias da administração municipal e/ou instituições governamentais (como o IBGE, IBC, etc) ou obra de memorialistas. Produto do seu tempo, estas produção literárias e científicas cumpria uma função política e social.

Entre as décadas de 1930 e de 1960 o fenômeno da (re)ocupação do Noroeste foi intensamente estudado pela academia. Nesse período, diz Mota, a região foi “... alvo de visitas, passeios científicos, etc. Os relatórios das visitas, artigos, e outros escritos dos geógrafos foram publicados, pela Revista Brasileira de Geografia. (...) os estudos acadêmicos realizados a partir da Revista Brasileira de Geografia tanto endossam o discurso oficial do colonizador como lhe dá o status de conhecimento científico ou de documento histórico segundo a tradição positivista. (...). Assim os trabalhos acadêmicos subsequentes, que têm por fonte os artigos da Revista Brasileira de Geografia, são unânimes em afirmar a ideia de que o noroeste do Paraná antes dos colonizadores (dos ‘pioneiros’) era “um enorme vazio demográfico” pronto a ser ocupado por migrantes vindos de várias partes do país e do exterior (ROMPATTO, 1998, p.15).

Estes documentos e literatura fazem parte da história oficializada e defendida por grupos da elite econômica e representantes políticos, que ao longo do tempo, utilizaram do “mito originário” sobre o local para fortalecer

relações de poder e interesses sociais. Por isso, a narrativa construída sobre a cidade apresenta o processo de (re)ocupação e constituição social de forma pacífica, promovendo apagamento dos conflitos e de sujeitos sociais, recriando assim uma versão histórica favorável aos interesses do capital e das elites locais.

Entretanto, estudos mais recentes, indicam que esta “versão” da história não é a única (MEDEIROS, 2017, 2016, 2017). O projeto “História e Memória de Loanda”, nos permitiu fazer descoberta de novas fontes documentais que vieram à tona por intermédio dos familiares dos antigos proprietários das empresas colonizadoras ao que se referem à região analisada e nos indicou para novos caminhos a serem trilhados sobre a história da Microrregião do Extremo Noroeste do Paraná. Estes documentos, evidenciaram dicotomias entre as ideias estabelecidas entre passado/ futuro, atrasado/ moderno relacionados ao local, que naquele momento, ainda não haviam sido investigados.

Recentemente, a produção de fontes orais se tornou importante aporte para compreensão das realidades locais, da identidade e das experiências vivenciadas em torno dos espaços constituídos. Os sujeitos sociais ao falarem sobre suas experiências cotidianas e se reportarem ao passado, nos alertam e confirmam a existência de conflitos e disputas entre as forças sociais existentes na constituição de novas territorialidades denotando novos significados (muitas vezes pouco perceptíveis) aos espaços públicos e privados presentes na cidade.

A análise das fontes documentais produzidas pelo capital imobiliário em consonância com as fontes orais, nos permitiu propor novas perspectivas e métodos para ensino de história regional.

Neste conjunto de coleta de novas fontes e seguindo a premissa de que “a história é um processo de disputas entre forças sociais envolvendo valores e sentimentos” (KHOURY, 2003), acreditamos que as imagens fornecem importantes aportes e ancoragens para ensino de história regional para estudantes do Ensino Fundamental, por elencar elementos que não estão

presentes nos conteúdos e nos materiais didáticos utilizados nas escolas municipais do município de Loanda.

A partir disso, passamos a investigar formas e métodos onde pudéssemos evidenciar sujeitos e personagens que até então haviam sido negados pela história oficial, valorizando aspectos regionais. Neste processo, pretendíamos ainda elevar os estudantes ao papel de narradores da história, e assim, sujeitos históricos produtores de sua realidade.

2 Re -Contando a História de Loanda: História, História Regional e fotografia

2.1 O fazer-se da História

De acordo com Florestan Fernandes, a educação é um elemento da vida social, responsável pela organização da experiência dos indivíduos na vida cotidiana, pelo desenvolvimento de sua personalidade e pela garantia da sobrevivência e do funcionamento das próprias coletividades humanas.

Assim, as práticas educacionais – ou seja, toda prática empreendida no sentido de educar- está diretamente ligada ou relacionada com as técnicas aplicadas, com as normas vigentes e com os valores compartilhados pelos indivíduos em um determinado contexto social, de determinada cultura.

No passado, podiam-se acusar os historiadores de querer conhecer somente as “gestas dos reis”. Hoje é claro, não é mais assim. Cada vez mais se interessam pelo que seus predecessores haviam ocultado, deixando de lado ou simplesmente ignorado. Quem construiu Tebas das sete portas?” – “pergunta o leitor operário” de Brecht. As fontes não nos contam nada daqueles pedreiros anônimos, mas a pergunta conserva todo peso (GINZBURG, C. 2009, p.11).

No prefácio de seu livro “O queijo e os vermes”, Carlos Ginsburg nos indica para os velhos e novos horizontes percorridos pelos pesquisadores e professores de história. Entre a história positivista e as novas teorias (Nova História, Nova História Inglesa, História das Mentalidades, etc.), o historiador é chamado a prestar contas em relação àqueles que sempre

foram excluídos de suas narrativas e produção científica: mulheres, crianças, trabalhadores, migrantes, grupos inteiros que nunca figuraram e não constam da história oficial.

Por isso, o primeiro grande obstáculo a ser superado é a escassez de fontes e testemunhos que nos contem sobre como viviam aqueles que não são/ foram possuidores dos meios oficiais de comunicação e muitas vezes eram portadores unicamente da cultura oral. *Quem foram os trabalhadores que abriram espaço na mata para a construção da cidade de Loanda? Como viviam estes trabalhadores? Como era seu trabalho? Quais instrumentos utilizaram para derrubar a mata? Onde moravam? Quais suas origens? Onde atualmente vivem? Quais atividades profissionais realizam?*

Infelizmente os livros de contabilidade da empresa colonizadora, os relatórios presentes na Prefeitura Municipal ou na memória digital do IBGE, nada falam desta população. O que sabemos pela história oficial ensinada pelos bancos escolares é que na década de 1950, paulistas, gaúchos e mineiros, migraram para gleba 15 e 16 em busca de uma promessa de riqueza, obtida pelo cultivo de café. Mas, estes teriam derrubado as matas sozinhos?

Provavelmente, se atermo-nos aos documentos escritos nada saberemos sobre outros sujeitos, principalmente trabalhadores pobres que pouco ou nada possuíam quando chegaram para trabalhar na derrubada da mata ou no plantio de café. Como assevera Ginzburg (2009, p.13) “ainda hoje a cultura das classes subalternas é (e muito mais se pensarmos no século passado) predominantemente oral”.

Devido à grande migração ocorrida com a crise do café na década de 1970 e 1980, parte desta população foi obrigada a migrar em busca de trabalho em outras regiões. O que tornou difícil encontrar estes personagens vivos que contassem com memória sobre início da colonização do município de Loanda. *Quais documentos e fontes poderiam servir para pensar e ensinar sob novos pontos de vistas a história regional?*

No início do século XX, Marc Bloch (1997) ao analisar a produção historiográfica, nos indicou alguns pressupostos que podem contribuir ainda hoje para pensar o ensino de história. Em primeiro lugar, a ideia de que a história não é um dado rígido, mas um processo em construção, uma “estrutura em progresso”, dependendo dos novos significados atribuídos historicamente pelos homens em tempos e locais diferentes.

Em seu estudo, Bloch abre novas perspectivas para estudo da história ao indicar a possibilidade de trabalhar fontes não-verbais, elencando uma diversidade de objetos como documentos e testemunhos históricos, passíveis de serem interrogados.

É neste contexto que a fotografia passou atuar como importante documento histórico. Quando interrogada de forma correta, a imagem fotográfica pode nos fornecer importantes informações sobre o passado e o presente, e no caso desta pesquisa, trazer à tona novas percepções sobre ensino de história regional.

De acordo com Flamarion e Mauad (1997, p. 575):

A imagem fotográfica compreendida como documento revela aspectos da vida material de um determinado tempo do passado de que a mais detalhada descrição verbal não daria conta. Neste sentido, a imagem fotográfica seria tomada como índice de uma época, revelando, com riqueza de detalhes, aspectos da arquitetura, indumentária, formas de trabalho, locais de produção, elementos de infraestrutura urbana tais como tipo de iluminação, fornecimento de água, obras públicas, redes viárias etc.; ou ainda, se a imagem for rural, tipo de mão-de-obra, meios de produção, instalações diversas... (FLAMARION E MAUAD, 1997, p. 575).

Ao entrarmos em contato com acervo de fotografias pessoais produzidas pelos proprietários e gerentes da Empresa Colonizadora Norte do Paraná LTDA, foi possível ter novas informações sobre a constituição do município de Loanda. Estas fotografias tomadas como documentos, nos forneceram não apenas elementos que nos permitiram compreender processo de trabalho, a cultura, a organização social, mas ainda, descobrir e

confirmar a presença de outros personagens, até o momento negados pela história oficial.

Estas fontes nos possibilitou pensar em novos personagens e promover questionamentos com os estudantes sobre a ordem dos fatores e processos históricos: *antes da chegada dos compradores de terra, era necessário preparar o território tornando-o apto ao interesse do capital imobiliário, quem o fez?*

Quanto à imagem fotográfica, não podemos esquecer que esta é resultado de uma seleção feita de forma consciente pelo fotógrafo. Ao fotografar, o sujeito atrás da objetiva tende a valorizar e registrar elementos considerados importantes e relevantes de acordo com seu ponto de vista. Assim, a fotografia capta um pequeno fragmento que foi minuciosamente por diferentes motivos por seu autor. Neste aspecto, Flamarion e Mauad explicam que:

Agente do processo de criação de uma memória que deve promover tanto a legitimação de uma determinada escolha quanto, por outro lado, o esquecimento de todas as outras. Neste sentido, a produção da mensagem fotográfica está atrelada ao controle dos meios técnicos de produção cultural que, até por volta da década de 1950, ainda era privilégio quase exclusivo de setores da classe dominante. (FLAMARION; MAUAD, 2009, p.576).

As imagens presentes no acervo Sebastião Delfino Machado e no Arquivo do Projeto História e Memória de Loanda, foram produzidas e encomendadas pelos proprietários da Empresa Colonizadora Norte do Paraná. Estas podem ser divididas em dois grupos: aquelas destinadas à propaganda e venda de terras, e registro pessoal do processo de limpeza e constituição da cidade. Desta forma, são resultado de uma seleção pré-concebida daquilo que gostaria de ser lembrado e/ou preservado em relação ao passado.

Sob este aspecto, a própria fotografia integra um sistema não-verbal que pode ser compreendido através de um duplo ponto de vista: enquanto artefato produzido pelo homem e que possui uma existência autônoma

como relíquia, lembrança etc.; enquanto mensagem que transmite significados relativos a própria composição da mensagem fotográfica (FLAMARION, MAUAD, 2009, p. 577).

Tendo em mente tais premissas, observamos que para as imagens fotográficas pudessem contribuir para a discussão da história regional nas aulas de história no ensino fundamental, era necessário que o educador indagasse a fonte, e a partir daí, construísse com os estudantes uma narrativa crítica/problematizadora. Ao indagar a imagem fotográfica, era necessário retirá-la da situação de documento/monumento (portador de verdades) e explorasse os significados dos elementos que a compõe.

Era necessário ainda, situar a fotografia dentro do tempo e espaço em que foram produzidas, significando o sentido dado no passado e no presente para o elemento fotografado. Quanto a este aspecto, concordamos com Flusser (2009, p. 29) ao defender que “decifrar imagens tradicionais implicam em revelar a visão do produtor, sua ideologia”, ou seja, ao estabelecer sentidos para imagem fotográfica, temos que ter consciência que esta fonte, teve diferentes significados: para aquele que a produziu, o que observou, e aquele que a distância do tempo em que foi produzida, a toma como fonte histórica.

O fotógrafo ao “cliquear” uma imagem, selecionou algo que deveria em sua concepção ser preservado, revelado e guardado para a posteridade. Este ato parte de ideologias e preocupação que podem nos fugir as mãos devido à distância do tempo, entretanto, a cena selecionada nos fornece uma visão e indícios, mesmo fragmentados, de elementos que caracterizam e permitem conhecer o passado.

3. O experimento didático: quanto às fotografias do passado se tornam fontes históricas

Após fazer o levantamento das fontes e produzir novas questões sobre a história do município de Loanda, era necessário testar e ver até que ponto,

novas informações e fontes do município poderiam produzir um conhecimento significativo aos estudantes das séries iniciais do ensino fundamental.

Como já citamos, este processo reuniu dois projetos diferentes: aplicação do livro didático “História e Memórias de Loanda” produzido pelo Projeto História e Memória e a aplicação do experimento didático sobre aprendizagem conceitual a partir do cinema e imagem conceitual para ensino de história. Neste artigo, nos limitamos a discutir as impressões e elementos que se referem à utilização da imagem para ensino de história regional no período de 1952 a 1975.

As imagens selecionadas compõem o livro “História e Memória de Loanda”, e foram utilizadas segundo as indicações e problemas apresentados no mesmo. Pelo fato do livro estar em sua fase final de produção naquele período optamos por projetar uma apresentação de slide com as fotografias selecionadas para observação dos estudantes.

Das duas turmas analisadas, selecionamos uma turma - da Escola Municipal Maria da Glória Dávis - na qual foi realizado o experimento. A sala escolhida era uma turma do 4º ano do período matutino composta por 26 estudantes que tinham idade entre os 10 e 14 anos. A escola situa-se no Bairro Alto da Glória e atende a população moradora dos Bairros Alto da Glória, Vila Vitória e Vila Nova da cidade de Loanda/ PR.

Em nosso planejamento selecionamos o conceito de “Migração”, que deveria direcionar e orientar o conteúdo sobre “História de Loanda”. Foram organizados planos de aula com diferentes temas para serem desenvolvidos em 12 encontros (cada encontro duas horas aulas, no período entre 7h30m e 9h30m). Todas as aulas foram gravadas para posterior análise nos projetos vinculados ao experimento.

Antes da apresentação do conteúdo sobre história de Loanda, discutimos com os estudantes sobre o que é “história” e “fontes históricas”. Depois, solicitamos que eles fizessem uma breve pesquisa sobre a sua história pessoal e a origem da família.

Foram entregues 26 atividades e recolhidas 20. Do levantamento realizado pelos estudantes foi possível averiguar que existia um número significativo de crianças dos quais os avós eram migrantes dos estados da Bahia, Ceará, Bahia, São Paulo e Santa Catarina.

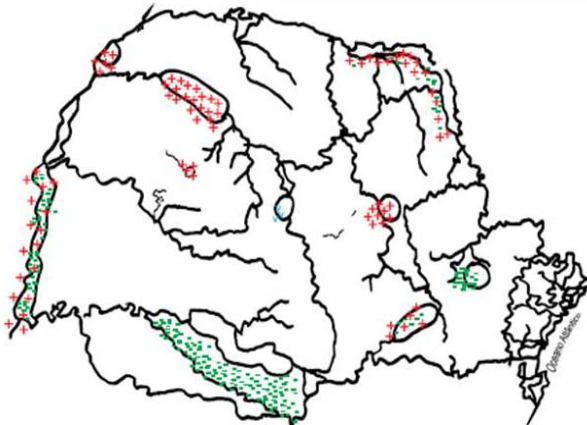
No segundo encontro, iniciamos a aula com uma apresentação de slides sobre o conteúdo intitulado “História de Loanda e seus moradores”. A proposta de ensino tinha como objetivo desmitificar os fatos históricos que concernem à formação da cidade e sociedade loandense, ao que condiz ao mito originário e o “vazio demográfico”. Para tanto, apresentação de um grupo de imagens composto por mapas, propagandas e fotografias. As fontes que foram produzidas pela Empresa Colonizadora Norte do Paraná a fim problematizar os fatos conhecidos, e quem sabe, construir com os estudantes uma narrativa sobre a história do município.

Dividimos a explanação do conteúdo em 4 momentos:

1. *Apresentação da região e sua ocupação antes e depois de 1500;*
2. *O lugar e seus habitantes: Quando foi? Quem foi?;*
3. *Por que criar cidade no Noroeste: O lugar como era? Era fácil? Quem foram os primeiros habitantes? (Trabalhadores e proprietários);*
4. *O fim do sonho cafeeiro: a geada negra.*

Assim, como primeira abordagem, foi proposto a análise dos mapas 1 e 2:

Mapa 1: Zona de ocupação dos povos Jês e Guaranis em período anterior a 1500.



Fonte: Livro História e Memória de Loanda.

Mapa 2: Divisão política Estado do Paraná.



Fonte: Wikipédia.com

Depois de apresentar os mapas, foi questionado aos estudantes: Quem foram os primeiros habitantes da região noroeste do Paraná? Loanda sempre existiu? Seus moradores sempre foram o mesmo?

A maioria dos estudantes respondeu que antes da chegada da empresa colonizadora, os povos indígenas foram os primeiros habitantes que viviam nas matas da coleta e caça. Eles ainda lembraram que antes da chegada dos portugueses ao Brasil todo o território era ocupado por vários povos indígenas.

Em seguida falamos sobre a Empresa Colonizadora Norte do Paraná ressaltando os objetivos e o proprietários. Foram projetadas as seguintes imagens:

Fotografia 1: Senhor Ásio Monticuco.



Fonte: Acervo Sebastião Delfino Machado

Fotografia 2: Ásio Monticuco e vendedores de terra em Loanda, 1952.



Fonte: Acervo Sebastião Delfino Machado

Fotografia 3: Senhor Ásio Monticuco em visita a Prefeitura Municipal de Loanda em 2012.



Fonte: Arquivo da autora.

Fotografia 4: Políticos e proprietário da ECNP.



Fonte: Acervo Sebastião Delfino Machado

Fotografia 5: Irio Spinardi e Sebastião Delfino Machado, proprietários da ECNP.



Fonte: Arquivo Sebastião Machado

Ao observarem as fotografias os estudantes notaram a distância de tempo entre primeira e segunda imagem do senhor Ásio Monticuco. Um dos estudantes inclusive fez a conta de subtração entre o ano da primeira e da segunda foto para saber quantos anos tinha decorrido entre uma e outra. A diferença de idade do senhor Ásio também causou curiosidade.

Sem que houvesse questionamento, os mesmo começaram a comparar as duas fotografias do Senhor Ásio Monticuco. Eles notaram diferenças nas vestimentas, corte de cabelo, barba e outros elementos presentes na imagem. Assim, observamos que partindo da cultura e realidade dada, os estudantes conseguiram pensar as diferenças entre passado e presente, detectar diferentes elementos que marcam a passagem do tempo. Com isso, os interrogamos sobre o conceito de tempo (passado, presente, futuro).

Quanto este aspecto, a fotografia foi a ferramenta mais eficaz para promover o diálogo e compreensão de alguns conceitos e categorias da história. Observamos que o conceito de tempo, espaço e relação entre passado, presente e futuro pareceram mais claras para os estudantes que ao observarem as imagens fotográficas rapidamente assinalavam diferenças e tinham a curiosidade aguçada.

Concordamos com Flusser ao afirmar que:

A manipulação é gesto primordial a ele o homem abstrai o tempo do mundo concreto e transforma a si próprio em ente abstraidor, isto é, homem propriamente dito. Entretanto, as mãos não manipulam cegamente: elas estão sob o controle dos olhos. A coordenação das mãos com os olhos, da práxis com a teoria. É um dos temas da existência humana. Milhões de anos se passaram até que tivéssemos aprendido a olhar o primeiro a manipular em seguida, a fazer imagens que servissem de modelos de uma ação subsequente. As imagens (por exemplo, as de Lascaux) fixam visões: a visão de circunstância. Os olhos percebem a superfície dos volumes. As imagens abstraem, portanto, a profundidade da circunstância e a fixam em planos, transformam a circunstância em cena. A visão é o segundo gesto a abstrair (...). (FLUSSER, 2009, p.16).

A imagem fotográfica possibilita ao sujeito abstrair e compreender conceitos, e universo que o envolve de forma material e significativa. O que para Flusser, refere-se a um novo nível de consciência imaginativa que não desliga-se do material, mas é resultado do poder de abstração do homem.

O terceiro grupo de imagens, tinha como proposta apresentar os objetivos do capital imobiliário na microrregião do Noroeste do Paraná. Projetamos então duas propagandas da Empresa Colonizadora Norte do Paraná LTDA, produzidas e veiculadas entre 1953 – 1954.

Imagem 1: Propaganda Empresa Colonizadora Norte do Paraná 1953/1954.



Fonte: Acervo Sebastião Delfino Machado

Imagem 2: Propaganda Empresa Colonizadora Norte do Paraná 1953/1954.



Fonte: Acervo Sebastião Delfino Machado

A partir destas imagens os estudantes levantaram importantes hipóteses sobre a “colonização” e as expectativas vividas pelo migrantes que viam a propaganda. As hipóteses que mais chamaram atenções foi sobre as intenções da empresa em relação aos receptores das propagandas e relação entre a cidade imaginada/ descrita pela propaganda e a cidade vivida/ ocupada por eles.

Assim, escrevemos na lousa as principais hipóteses formuladas pelos estudantes ao analisarem as duas fontes:

1. *As Propagandas são enganosas;*
2. *Existe uma diferença entre a cidade atual (em que os estudantes vivem/ocupam) e a que a Empresa Colonizadora diziam existir (metrópole com muitos prédios);*
3. *O que seria uma cidade moderna;*
4. *Diferença entre moderno e atrasado;*
5. *Promessa de riqueza que poderia ser obtida com a produção do café.*

Estas imagens foram significativas para pensar na proposta do capital imobiliário que serviu como atrativo para vinda de compradores de terras e trabalhadores na região na década de 1950. Com as duas

propagandas, foi possível pensar e debater com os estudantes fatores que motivam grupos humanos se deslocarem de um lugar para o outro ao longo do tempo, e ainda pensar quais os motivos que poderiam ter causado a migração de homens, mulheres e crianças para a região.

Quanto a este aspecto, propomos mais um conjunto de imagens que buscava problematizar o “espaço”, categoria fundamental em diferentes períodos (tempo). Antes da apresentação das imagens propomos as seguintes questões:

1. *O Lugar:*
2. *Como era?*
3. *Quando foi?*

Fotografia 6: Estrada em construção em 17 de março de 1953.



Fonte: Acervo Sebastião Delfino Machado

Figura 7: Estrada em construção em 17 de março de 1953. Ao centro Ásio Monticuco.



Fonte: Acervo Sebastião Delfino Machado

Fotografia 8: Foto aérea Loanda 1953.



Fonte: Acervo Sebastião Delfino Machado

Estas fotografias produzidas pela empresa colonizadora entre 1952 e 1953, tinham intuito demonstrar o rápido desmatamento e ainda, a “modernidade” promovida na região, pelo capital imobiliário.

A partir da observação das imagens, os estudantes levantaram algumas perguntas para análise da categoria tempo e espaço como:

1. *Como era a cidade em 1952 e como é hoje?;*
2. *Existia uma preocupação com a derrubada da mata e questão ambiental?;*
3. *Porque a peroba rosa era símbolo do espaço estudado na década de 1952?;*
4. *As formas de trabalho e técnicas para a derrubada da mata na década de 1950 e atualmente (machado, serra manual, o jipe para arrancar os tocos, trabalho manual x serra elétrica, o trator, as máquinas escavadeiras, a mecanização do trabalho) são os mesmo?*

Os estudantes ao analisarem as fotografias conseguiram a partir da realidade experimentada cotidianamente, fazer paralelo entre o espaço ocupado no presente e como era no passado. Esta relação entre tempo/espaço, categoria fundamentais e estruturantes para ensino de história, foi o elemento mediador da análise das imagens. Depois de uma apresentação prévia do professor e problematização inicial, os estudantes fizeram comparações entre passado/ presente da cidade estudada, e observando o que permanecia igual e/ou havia se modificado/ desaparecido. Um elemento ressaltado pelos estudantes, foi a presença da mata de perobas rosa, e atualmente, a sobrevivência de uma única peroba que não foi derrubada (situada na frente do clube da cidade).

Um dos estudantes nos questionou sobre a técnica utilizada para derrubada da mata, pergunta que foi respondida pelo outro colega: “era no machado”. As fotografias abriram um leque de possibilidade de discussões sobre o espaço ocupado e sua transformação a partir da ação transformadora do homem - o trabalho.

Dando continuidade à proposta de utilização de fotografias para ensino de história regional, chegamos ao ponto que acreditamos ser ápice para comprovação da hipótese levantada. Projetamos um grupo de

fotografias que registram cenas de grupos de trabalhadores em 1952 nas glebas 15 e 16, local onde foi construída a cidade de Loanda.

Antes destas imagens propomos algumas questões como:

1. *Quem foram os primeiros moradores?*
2. *Quem derrubou a mata e construiu as primeiras estradas?*
3. *Onde e como viviam?*

Depois de um breve diálogo, onde foi lembrado pelos alunos personagens que já haviam sido estudados (índios, os donos da imobiliária, escravos afro-brasileiros, etc) apresentamos o seguinte grupo de imagens:

Figura 9: Trabalhadores abrindo estrada. Loanda 11 de março de 1953.



Fonte: Acervo Sebastião Delfino Machado

Figura 10 - Trabalhadores almoçando. 02 de junho de 1952.



Fonte: Acervo Sebastião Delfino Machado

Figura 11: Trabalhadores derrubando mata Atlântica. Loanda, junho/julho de 1952.



Fonte: Acervo Sebastião Delfino Machado

Figura 12: Trabalhadores derrubando mata Atlântica. Loanda, junho/julho de 1952.



Fonte: Acervo Sebastião Delfino Machado

Todas as imagens acima, fazem parte do acervo Sebastião Delfino Machado produzidas sob encomenda da Empresa Colonizadora do Norte do Paraná no ano de 1952. Estas imagens, referem-se ao processo de derrubada da mata e preparo da terra para instalação da empresa na região, seguido do loteamento e venda das propriedades urbanas e rurais.

Ao apresentar estas imagens os estudantes indicaram para importantes fatos como:

1. *A presença de trabalhadores na cidade em período anterior a construção das primeiras casas (dezembro de 1952);*

2. *Os trabalhadores nordestinos como primeiros moradores da cidade;*
3. *A presença de crianças entre estes trabalhadores – o que indica migração de famílias destinadas ao trabalho de limpeza da terra;*
4. *Apenas os proprietários de terras foram considerados pioneiros – os nordestinos que derrubaram as matas e trabalharam no cultivo do café não são reconhecidos como pioneiros pela história oficial;*
5. *As péssimas condições a que estes trabalhadores eram submetidos (devido às roupas rasgadas e casa com telhado de casca de árvore);*
6. *Semelhança da última foto com cena de escravidão.*

A apresentação destas fotografias gerou outras discussões sobre os conceitos de “pioneiro”, classe social, trabalho e migrantes. Os estudantes conseguiram associar o trabalho desenvolvido por estes trabalhadores a condição secundária que ocupam na história oficial da cidade. Um dos estudantes, inclusive comentou que a diferença era que hoje “não sabíamos o nome deles”.

Para análise destas fontes, apresentamos as informações levantadas na pesquisa produzidas pelos estudantes com seus familiares. Olhando as fotos e lendo o resultado da pesquisa, eles apontaram que “tinha muitos nordestinos”, e que eles “vieram para trabalhar no café e derrubar mato” diferente dos mineiros, catarinenses e paulistas que vieram comprar terras.

Pensando sobre a história familiar, acreditamos que os estudantes conseguiram se “ver” como agentes da história. Os dados levantados em um momento prévio, permitiu que eles identificassem seus avós, tios e pais como trabalhadores “nordestinos” que desenvolviam diferentes atividades. Embora não tivessem se deslocado para região para comprar terras e produzir café (como proprietários) seus parentes participaram do processo que resultou na cidade e sociedade loandense. Tal fato, gerou empolgação e euforia entre os estudantes que queriam contar as histórias da chegada dos avós e conhecidos, inclusive reproduzindo histórias que haviam ouvido de seus familiares em outros contextos, tais como: a viagem de caminhão até cidade; as caminhadas até poço artesiano para pegar água; as comidas típicas e doces ainda realizadas pelos avós; as lendas e folclore sobre lobisomem, saci-perere e fantasmas, etc.

As fotografiasv forneceram importantes subsídios para pensar o período de 1952 – 1975, período com maior carência de materiais, informações e mais distante da realidade atualmente vivida. Um dos fatos que mais chamou atenção foi a pergunta de um estudante que no início da projeção das imagens nos perguntou se naquele tempo as coisas eram “preto e branco” como na imagem. A percepção da criança do passado as vezes se torna difícil, já que para ele a medida de tempo coincide com o tempo de vida transcorrido. Por isso, o ensino sobre passado é gradual ao próprio desenvolvimento cognitivo do sujeito.

Neste sentido, foi possível confirmar a hipótese de que ao que se refere a cidades pequenas de história recente, a utilização de fotografias (aliados a outras fontes como propagandas, mapas, filmes e fontes orais) podem ser potentes instrumentos didáticos, capazes de indicar para novas visões e possibilidades sobre história regional, não apenas contra partida a história oficial, mas ainda, uma história significativa para os estudantes e sujeitos.

Conclusão

Com este experimento pedagógico, foi possível perceber, que em cidades de história recente, como é o caso do município de Loanda, que não conta com produção historiográfica relevantes, ou ainda, material didático que possa auxiliar no ensino de história regional a imagem fotográfica pode ser um importante aliando. Assim, a utilização de novas fontes como as imagens fotográficas, propagandas, vídeos, registros de casamento e mapas, combinados a relatos orais, podem ser potenciais no ensino de história regional. Estas fontes podem ser relevadoras quanto a cultura, história e costumes do passado, mas ainda, por se tornarem significantes aos sujeitos por aproximarem sua história a história local.

Neste sentido, foi gratificante ver empenho e entusiasmo com o qual os estudantes identificaram nas imagens fotográficas elementos do passado

e do presente. E ainda, ancorados no presente, se situavam historicamente no tempo e espaço, dando assim, visibilidade as categorias fundamentais da história.

Ao relacionar a história regional a história familiar e de vida, os estudantes observaram elementos importantes que possibilitavam compreender o que significava ser migrante, e as motivações que levavam diferentes grupos humanos a se deslocarem. Neste sentido, a experiência da migração foi associada a história familiar e trajetória dos avós, tios e pais que haviam se deslocado para a região entre os anos 50 e 70. As fotografias neste sentido, tomaram outra dimensão pois retratava um grupo social que frequentemente não era mencionado- os trabalhadores, principalmente de origem nordestina. Assim, a história dos trabalhadores rurais, das madeireiras e serrarias, retratados nas fotografias apresentadas, muitas vezes foi associada a história de seus avós, tios, vizinhos. Ao observarem as fotografias alguns dos estudantes, viram registradas cenas que aproximava-se das trajetórias vividas por sua família.

Neste aspecto, conseguimos propor uma nova versão da história, que deu visibilidade á personagens que até então foram negados na história regional: os trabalhadores nordestinos. Estas imagens permitiram entrar cena novos personagens, aspetos e fatores, até então desconhecidos no senso comum e história oficial.

Referências

ALMEIDA, Paulo Roberto de. **Dossiê história oral**: Uma breve apresentação. Fênix Revista de História e Estudos Culturais. Uberlândia: UFU, v.2, ano II, n. 2, abr/mai/jun 2005.

ARQUIVO PROJETO HISTÓRIA E MEMÓRIA DE LOANDA. Acervo de Entrevistas e documentos realizados no período de 2010 a 2011. Faculdade Intermunicipal do Noroeste do Paraná. Loanda- PR, 2011.

ARQUIVO SEBASTIÃO DELFINO MACHADO. Acervo documental Faculdade Intermunicipal do Noroeste do Paraná. Loanda/PR.

BITTENCOURT, C. **O saber histórico na sala de aula.** São Paulo: Contexto, 2008.

_____. **Pátria, civilização e Trabalho.** São Paulo: Loyola, 1990.

BOSI, Antônio de Padua. **Os “Sem Gabarito”:** Experiência de luta e organização popular de trabalhadores em Monte Carmelo/MG nas décadas de 1970/1980. Cascavel/PR: Edunioeste, 2000.

FENELON, Déa Ribeiro; MACIEL, Laura Antunes; ALMEIDA, Paulo Roberto; KHOURY, Yara Aun (orgs). **Muitas memórias, outras histórias.** São Paulo: Olho d'água, 2004.

_____. **Cidades.** São Paulo: Olho D'água, 1999.

KHOURY, Yara A. Muitas memórias, outras histórias: cultura e o sujeito na história. IN: FENELON, Déa Ribeiro; MACIEL, Laura Antunes; ALMEIDA, Paulo Roberto; KHOURY, Yara Aun (orgs). **Muitas memórias, outras histórias.** São Paulo: Olho d'água, 2004.

FERRO. Marc. **A manipulação da história no ensino e nos meios de comunicação.** 2. ed. São Paulo. IBRASA. 1983.

FLAMARION, Ciro Cardoso; MAUAD, Ana Maria. História e imagem: os exemplos da fotografia e do cinema. In: **Domínios da História:** ensaios, teoria e métodos. FLAMARION, C.; VAINFAS, R. São Paulo: Campus, 1997.

FLUSSER, Vilém. **O universo das imagens técnicas:** elogio da superficialidade. São Paulo: Anablume, 2009.

GINZBURG, Carlos. **O queijo e os vermes.** São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

LE GOFF, J. **História e Memória.** São Paulo: Editora da Unicamp, 1990.

PARANÁ. **Currículo Básico para a Educação Pública no Estado do Paraná**. Curitiba, 1992.

MEDEIROS, A. de C. **Quando novos personagens entram em cena: a fotografia e o ensino de história regional no município de Loanda**. Medianeira: Universidade Federal Tecnológica do Paraná – UFTPR, 2013. Monografia de Especialização.

_____. MEDEIROS, Adriana de Carvalho. Os processos de casamento da Igreja Nossa Senhora Aparecida de Loanda e trabalhadores migrantes no extremo noroeste do Paraná. in: ROMPATTO, Maurílio; GUILHERME, Cássio Augusto; CRESTANI, Leandro de Araújo (Orgs.). **História do Paraná: migrações, políticas e relações interculturais na reocupação das regiões norte, noroeste e oeste do Estado**. Toledo-PR: Editora Fasul, 2016.

_____. **Histórias de trabalhadores nortistas no norte/ noroeste do Paraná (1940-1970)**. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia-UFU, 2017. Tese de doutorado.

PINHEIRO, A. A. M. **Aprendizagem conceitual: o cinema como possibilidade formativa**. Universidade Estadual de Maringá/PR: Tese de doutorado, 2016.

PORTELLI, Alessandro. Forma e significado na História Oral: A pesquisa como um experimento em igualdade In: **Projeto de História**. São Paulo, fev. 1997.

PORTELLI, Alessandro. **O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana, 29 de junho de 1944): mito e política, luto e senso comum**. In: **Usos e Abusos da História Oral**. Org. FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina Amado. Rio de Janeiro: 1996.

ROMPATTO, Maurílio. A oralidade como fonte de pesquisa em História Regional. **História Agora: a revista de história do tempo presente**. n. 9, nov. 2010.

ROMPATTO, Maurílio. Memória da Colonização do Noroeste Paranaense: Microrregião de Paranavaí: a experiência e a proposta da pesquisa. Paranavaí-PR: **Anais do I Fórum das Faculdades Estaduais do Paraná**, 1998, pp. 17-18.

SADER, E. **Quando novos personagens entram em cena: experiência e lutas dos trabalhadores na grande São Paulo.** São Paulo: Terra e Paz, 1995.

TOLEDO, M. A. História Escolar e escrita da História: por uma historiografia do ensino de História. In: MOLIDA, A. H. **Ensino de História e Educação: Olhares em Convergência.** Vol. II. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2012

VIGOTSKI, L.S. **Psicologia da Arte.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.

Recebido em janeiro de 2017.

Aprovado em fevereiro de 2017.